

ARTIGO DE OPINIÃO
GERAÇÃO Z**Geração Z**
Entre a espiga e o teclado

Por Gislaine Buosi

“Amigo é coisa para se guardar / debaixo de sete chaves / dentro do coração.” A letra é de Milton Nascimento, gravada nos idos 1979, quando os carretéis da fita K7, por vezes, enroscavam-se. Mas havia amigos guardados no coração. Hoje, amigos multiplicam-se, aos milhares, nas redes sociais. Essa ressignificação do conceito de amizade é apenas uma das faces da Geração Z, que, sem dúvida, rasga os limites entre o real e o virtual – dimensões, antes, convergentes, agora se equiparam.

Desde 1995, é fato, o mundo está intimamente conectado ao ambiente virtual. Do Facebook ao Tinder, da admissão à rescisão contratual de trabalho, da amizade ao casamento: tudo parece depender do Wi-fi, nem doce nem salgado, a um instante-clique de distância.

Entretanto, tudo isso não poderia ser, mesmo, diferente: desde a primeira infância, pais e mães recorrem a tablets e smartphones para entreterem os pequenos. De uma “galinha pintadinha” a outra, eles próprios oferecem às crianças equipamentos multicoloridos e sonoros, que, acreditam os pais, educam. Contudo, o virtual brilha nos olhos de ambos, tornando-os, a cada dia, mais distantes uns dos outros e, paradoxalmente, mais perto de telas, conectores, fones de ouvido bluetooth. O efeito disso é que a Geração Z nunca viu, realmente, uma galinha, talvez nem saiba de onde vêm os ovos.

Metáforas à parte, é indispensável avaliar os imprecisos limites entre o virtual e o real, entre o gelado da máquina e o calor da sociedade, especialmente em relação aos hábitos familiares, visto que a melhor lição é a do exemplo. Se é verdade que, hoje, o virtual e o real misturam-se, é verdade também que, aos pais, há de caber a lucidez para separá-los, e, enfim, delimitar o alcance dos eletrônicos. Até porque ir ao quintal para dar milho às galinhas também faz parte do aprendizado.